

Como citar:
CHAGAS, M.S.; COSTA, K.; MARQUES, V. O uso da tecnologia, o território vivo, o processo de aprender e a reinvenção de si: você consegue me escutar?. *Cadernos de Docência e Inovação no Ensino Superior*. v.1, n.1, p.21-25, 2022

O USO DA TECNOLOGIA, O TERRITÓRIO VIVO, O PROCESSO DE APRENDER E A REINVENÇÃO DE SI: VOCÊ CONSEGUE ME ESCUTAR?

Magda de Souza Chagas¹, Kevin Costa², Victória Marques³.

Resumo:

O uso da tecnologia ganhou destaque na pandemia, ao mesmo tempo em que colocou docentes e discentes em outros territórios de experimentação. Objetivo: Relatar a experiência de aluna e aluno da graduação de Farmácia na construção de atividade para apresentação em sala de aula virtual sobre a temática território em saúde. Metodologia: O caminho metodológico tomou o relato de experiência e a elaboração narrativa. Experiência e narrativa encontram-se relacionadas à realidade de maneiras diversas, são temas articulados por Walter Benjamin. Aqui a narrativa está presente como objeto do conhecimento. Conclusão: O uso da autonomia e da criatividade por parte do(a) discente na elaboração da atividade devem ser destacados. A leitura detalhada e profunda, que tomaram no uso do conceito de território na saúde e mais precisamente território vivo, para além do subjetivo, explícita e eleva o processo de aprendizagem para outros patamares e conexões. Os objetivos propostos foram alcançados.

Palavras-chave: Educação online, território vivo, aprendizagem, TIC



Recebido em: 30/11/2021

Aceito em: 02/02/2022

¹Professora Adjunta do Instituto de Saúde Coletiva, Departamento de Saúde e Sociedade (ISC/MSS) da Universidade Federal Fluminense. Email: magdachagas@id.uff.br

²Discente da Faculdade de Farmácia, Universidade Federal Fluminense. Email: kevincosta@id.uff.br

³Discente da Faculdade de Farmácia, Universidade Federal Fluminense. Email: victoriamarques@id.uff.br

Publicado em: 01/06/2022

Introdução

O momento atual exige/exigiu mudanças que podemos considerar radicais. De uma hora para outra a sala de aula física, que é espaço de encontro, construção de vínculos, descobertas de si e leitura de mundo, confraternização, produção de conhecimento, amizades e intensamente provocadora do processo de subjetivação de cada pessoa ali envolvida, precisou ser substituída e reinventada. A pandemia e com ela a cuidadosa e urgente necessidade de distanciamento social, impôs (e continua impondo) rápida revisão dos processos de ensino e aprendizagem. Se para professoras(es) que aprenderam a ler e ser provocadas(os) para além da pergunta elaborada em palavras e som, onde a dúvida ou discordância chegava pelo franzir da testa ou risada que questionavam sem falar, os risos que alimentavam a alma, a linguagem corporal, das trocas que fazem querer ser melhor para cada encontro, ficar sem isso e reorganizar os afetos e afecções é um desafio.

Hoje, com mais frequência, docentes falam para a tela e na maioria das vezes, relacionam-se visualmente com bolinhas e em uma muito boa hipótese com uma foto. Claro que os áudios estão presentes, assim como a intensa e rica troca de mensagens escritas (chat). Busca-se na tela o além do estático, do fixo, busca-se vida. Por outro lado alunas e alunos, seguem em reinvenções também intensas, em reconstruções ou construção compartilhada do próprio processo de formação, certa experimentação de tomar com as próprias mãos. Assim como na vida e com as pessoas, cada um(a) no seu tempo. No entanto, quando estimuladas(os) a acessar a criatividade que os(as) habita e principalmente exercitar a autonomia que deve ganhar asas e fazer percorrer o novo, produzem e inventam novos caminhos na construção de conhecimento capazes de gerar não apenas surpresa, mas também inspiração longa e profunda. Foi isso que aconteceu no primeiro semestre de retorno às aulas, quando vivemos a estranha e provocadora tarefa de criar espaço de convívio, interatividade, conversa, troca, respiro, amorosidade, alegria e experimentação frente ao desafio de fazer acontecer a disciplina de Estágio Supervisionado do SUS, através de uma plataforma virtual. Aquilo que deveria ocorrer intensamente no contato com profissionais, usuários, territórios físicos, simbólicos e existenciais.

Objetivo

Relatar a experiência de aluna e aluno da graduação de Farmácia na construção de atividade para apresentação em sala de aula virtual sobre a temática território em saúde.

Metodologia

O caminho metodológico adotado na construção desse trabalho tomou em primeiro plano o relato de experiência e em segundo a elaboração narrativa. Experiência e narrativa

encontram-se relacionadas à realidade de maneiras diversas, são temas articulados por Walter Benjamin (1987) e aqui a narrativa está presente como objeto do conhecimento (CASTELLANOS, 2014; PACHECO e ONOCKO-CAMPOS, 2018).

Para a realização da atividade correspondente ao Módulo Território, foi apresentada a seguinte proposição pela docente: *A ideia agora é vocês entrarem em contato e realizarem reconhecimento do território da Unidade Médico de Família da Ponta D'Areia. Para isso encaminho uma ferramenta virtual de reconhecimento territorial geográfico. Primeiro, tomem a ferramenta como a possibilidade de conhecer e entrar em contato com o lugar, o território. Vasculhem tudo e ao máximo! Vocês partirão para uma viagem. Tudo bem que a viagem é por perto, mas vocês não conhecem aquele lugar. Conseguem pensar e perceber que são estrangeiros, conseguem evocar sentimento "turista"? Tentem construir a própria busca. Sejam criativas(o) e independentes. Deixem aflorar a autonomia e inteligência que tem. Se precisarem de algumas sugestões para a exploração desse território, seguem algumas questões: Que território é esse? Conhece a região? O que observou? Quais os equipamentos sociais (de saúde, educação, cultura, associações etc.) existem no território? Quais os principais indicadores sociais/de saúde do território? Proposta é: Cada estudante faz a sua leitura do território, constrói uma "carta náutica", uma cartografia (músicas, descrições, colagens, etc), e entrega sua atividade. PS1. Por que será que falei de Cartografia e não falei de Mapa? PS2. Vocês podem usar outras ferramentas e buscas. Pensem que vocês são senhoras e senhor do seu processo de aprendizagem. O que fariam para conhecer esse território? Conforme combinado seguem os artigos para leitura. Vocês poderão escolher 1(um) e eu indicarei 1(um). Minha Indicação para leitura é o artigo Território Existencial e Cartografia. Vocês poderão escolher qualquer um dos outros artigos. Lembrem que é para ler 2(dois) artigos! Quem quiser ler mais de 2(dois) fique completamente à vontade. Cada dupla e o trio, deve preparar uma maneira de apresentar os artigos. Pensem na possibilidade de apresentarem a temática ou algum conteúdo dos artigos que acharam interessante, para um grupo de usuários/pacientes/pessoas. Ou seja, como vocês passariam as informações de modo que qualquer pessoa que frequenta o serviço de saúde entendesse? Essa atividade pode ser desenvolvida no ato, no próximo encontro síncrono, ou poderá ser realizada antes e compartilhada (vídeos e outros). Cada dupla terá 5 (cinco) minutos.*

Resultados e Discussão

Uma das duplas optou por abordar território vivo, uma articulação entre o território físico, simbólico e existencial, presente em um dos artigos propostos para leitura. O conceito território vivo não é óbvio e nem de pronto entendimento, uma vez que articula intensamente

com a subjetividade que cada pessoa carrega consigo e processo de subjetivação. Sendo assim, uma dupla de discentes do terceiro período do curso de Farmácia escolher o conceito era instigante e provocador.

Para dar visibilidade ao que queriam trabalhar com o grupo prepararam uma apresentação em Power Point e a primeira imagem era uma orelha e a pergunta no centro do slide “Você consegue me escutar?”. Na sequência apresentaram 3 (três) narrativas em áudio do Jorge (34 anos), da Rosana (52 anos) e do Ruan (20 anos), pessoas com histórias de vida que abordavam desde a simplicidade do ser motorista de ônibus, a rotina do viver o dia a dia do ser casado, filhos, trabalho, a falta de lazer, as ofertas religiosas, passando pela história de vida de uma moradora de rua alcóolatra, deportada do Japão, vivência de violência doméstica, tentativa de homicídio, com saudades dos filhos, até a narrativa de um jovem que explicita a ausência do Estado seja na saúde ou mesmo em relação a segurança no lugar onde mora. O último slide trazia a pergunta: “Vocês conseguiram perceber nesses territórios vivos algo em comum com vocês ou parentes?” Para quebrar o silêncio e estimular a participação das/dos colegas de turma começaram a fazer relato dos pontos de conexão com as próprias vidas e na sequência a discussão ocorreu e a participação foi ampla. A apresentação foi “Incrível”, “Impactante”, “Surpreendente”, “Fez pensar”, palavras de discentes que assistiam e participavam. A emoção estava presente e atravessava todas e todos, a discussão foi intensa e abordamos os pontos referentes a território na saúde.

No entanto, outras revelações estavam por vir. Como eles conseguiram recolher as histórias de vida no momento da pandemia? Como fizeram para entrevistar aquelas pessoas? Foi então que a revelação aconteceu. Eles usaram intensamente a criatividade e a tecnologia. A história de Jorge foi criada pela aluna, a história da Rosana foi retirada de um site (MORATTE, 2018) e a história do Ruan foi do próprio. Todas as vozes foram modificadas por um software e a voz utilizada foi do aluno (MorphVOX e Virtual Dj).

Se ainda no século XXI as salas de aula, com frequência maior que a desejada, apresentavam a mesma disposição estética e representação daquelas do século XIX ou XVIII, o momento que vivemos pode se configurar como convite à reinvenção. Reinvenção do espaço físico (quando retornarmos), reinvenção das relações, reinvenção da autonomia do discente no processo de aprender, reinvenção do uso da tecnologia, incorporação da tecnologia dura à serviço da construção de reflexão e relação com a tecnologia leve para o cuidado nas relações, vínculos e escuta (CECCIM, 2018). A pergunta que abre a apresentação vale tanto para o trabalho apresentado em sala de aula virtual, como um chamamento dos(as) discentes para docentes e instâncias universitárias: “Você consegue me escutar?” O momento atual é de intenso aprendizado e desterritorialização para docentes e discentes e pode ser o momento de outras reflexões sobre o que e como temos

construído o processo formativo. O ensino remoto impõe que cada discente assuma autonomia do seu processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que ao(à) docente é exigida novas elaborações quanto ao tempo de contato, a ocupação do lugar de provocador e estimulador da curiosidade e busca pelo conhecimento, assim como a revisão do processo de avaliação. O trabalho apresentado explicita e convida a olharmos para as bolinhas na tela de computador e saber, como o artista plástico Francisco Brenand registrou na entrada da sua oficina/ateliê em Recife-PE: Immotus nec iners (Imóvel, mas não inerte).

Conclusões

A metodologia proposta correspondeu aos objetivos da disciplina e da atividade proposta no módulo? A resposta é Sim. Após considerar cada um dos pontos apresentados, desde a pesquisa de discentes para a realização da atividade, até o intenso uso da criatividade, a leitura detalhada e profunda do conceito de território na saúde e mais precisamente território vivo, este último bastante subjetivo, é possível tomar como avaliação muito positiva o uso da tecnologia aliado com autonomia e estímulo à criatividade.

Referências

ATOMIX PRODUCTIONS AMERICA INCORPORATION. Virtual Dj. Consulta em 10 de março de 2021. Disponível em: <https://www.virtualdj.com/>

BENJAMIM, W. Obras escolhidas-Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTELLANOS, M. E.P. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2014; 19(4): 1065-1076.

CECCIM, R. B. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. *Interface (Botucatu)*. 2018; 22(Supl. 2):1739-49.

MORATTE, D. Identidade perdida – histórias de moradores de rua. *Fala Universidades*. 04/11/2018. Consulta ao site em: 10 de março de 2021. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/historias-de-moradores-de-rua/>

PACHECO, R. A., ONOCKO-CAMPOS, R. “Experiência-narrativa” como sintagma de núcleo vazio: contribuições para o debate metodológico na Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 28(2), e280212, 2018.

SCREAMING BEE. MorphVOX. Consulta ao site em 10 de março de 2021. Disponível em: <https://morphvox.br.uptodown.com/windows>